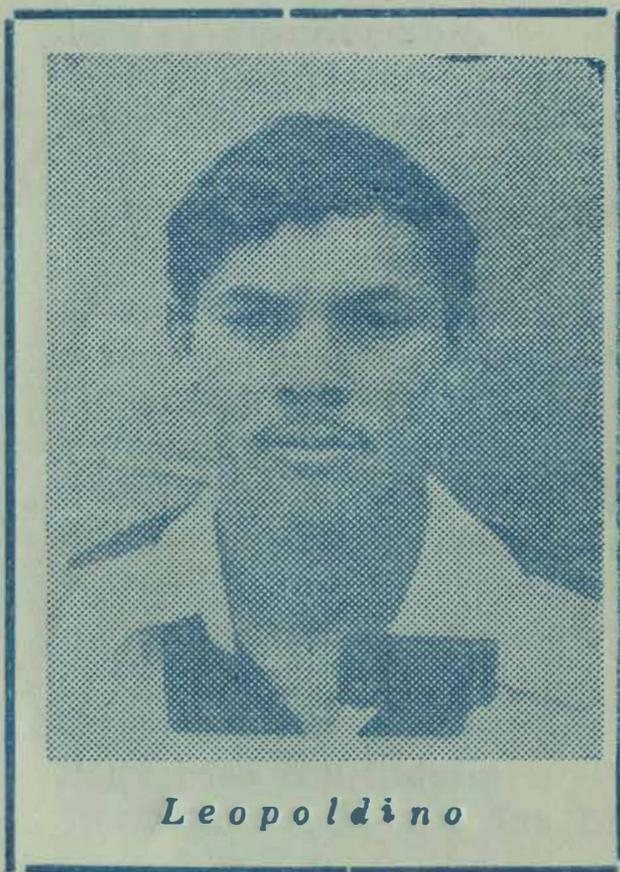


Autor: José Santana da Silva
(O Trovador de Santa Brígida)

A Dolorosa Morte do Jovem Leopoldino



1.ª Edição



1980

Registrado na "Ordem Brasileira dos Poetas
da Literatura de Cordel"

Autor: José Santana da Silva
(O Trovador de Santa Brígida)
A dolorosa morte do jovem Leopoldino
Divina Musa Poética
Com teu manto purpurino
Cobri-me de inspiração
Como vate nordestino
Para versar a História
Da morte de Leopoldino.
Dia 11 de novembro
Que já completou um ano
Leopoldino palestrava
Junto a Francisco e um mano
Sem achar que estava perto
Dos laços do desengano.
Quando Manequinha disse:
—Francisco, meu companheiro,
De nós dois quem vai em 80
Para contar de janeiro?..
Se eu morrer vou satisfeito
Porque já senti o cheiro.
Morrendo antes de Oitenta
Eu volto e conto a vocês...
Leopoldino disse:—mano
Quem sabe se neste mês
Pega essa brincadeira
Finda morrendo um dos três
Leopoldino disse isto
Porém de nada sabia
Que a morte traiçoeira
Lhe chegava neste dia,
Às oito horas da noite
Tragicamente morria.

Seguiu para trabalhar
Satisfeito, assoviando,
Em procura de adoube,
Perto da casa de Armando,
Mas a morte traiçoeira
Tava na frente esperando.

Quando chegou num riacho
Ia uma raposa na frente,
Foi buscar sua espingarda
Correndo, apressadamente,
Pensando de dar-lhe fim,
Porém saiu diferente.

Ele levou os sobrinhos—
Os filhos de Simeão,
Ao levar a espingarda
Esqueceu da munição,
Nem pensava que trazia
A própria arma na mão.

A raposa se esconde u
Eie saiu procurando
Com sua espingarda armada
Nem estava se lembrando...
Tropeçou, caiu na frente,
A arma foi disparando.

Quando recebeu o tiro
Os meninos foram vendo,
Logo um filho de Armando
Voltou à casa correndo,
Chegando disse: - Papai
Leopoldino está morrendo.

Armando correu aflito
Quase sem pisar no chão,
Os olhos vertendo lágrimas
Com uma dor no coração,
Até que avistou o jovem
Em dolorosa aflição..

Armando levou o moço
Para casa e tratou-o bem
Mas o estado delicado
E ali sem ter ninguém
Precisava de socorro
E de bom Médico também.

Manequinha, seu irmão,
Ia despreocupado
Ajudar encher o carro
Topou Armando vechado
Que lhe disse:-Leopoldino
Está morrendo, coitado.

Maneca correu pra lá,
De longe ouviu o gemido
Do irmão que agonizava,
Bastantemente ferido,
Com tanto chumbo no peito,
Quase que perde o sentido.

Maneca viu que o irmão
Ia se desfalecer,
Disse para Leopoldino:
Mano o que posso fazer
É levar-lhe nos meus braços
Para a nossa mãe lhe ver.

“Não queiram culpar Armando
Que ele é nosso parente...”
Assim disse Leopoldino
E ainda pediu urgente
Para chamar Simeão,
Dizendo: não sou mais gente...

Cícero foi chamar José
E o Messias Simeão,
Foi Licinho ao Maracó
Mais ligeiro que avião,
Numa carreira danada
Que nas curvas da estrada...
Passava rente no chão.

Chegaram Zézé, seu Zé,
Com João Martins e alguém,
Levaram-no pro Hospital
Puchando de 50 a cem
Pra poder lhe socorrer,
Disseram:-só vai morrer
Se o carro quebrar também.

Foram encontrar Simeão
Bem perto de uma ladeira,
O pobre ainda inocente
Com o pessoal da feira,
Deu seu carro pra Zezé
E seguiu junto ao seu Zé
Sem respeitar buraqueira.

Quando os carros se encontraram
Ele disse a Simeão:
—“Pode me acreditar,
Estou morto, meu irmão...”
Fugindo o sangue da testa
Disse:-“Se eu escapar desta
Não serei homem, mais não.”

O levarám pro Hospital
Já quase sem se mover,
Com os tombos na estrada
Ele pegou a dizer:
--“Oh! meu Deus que coisa ruim.
Se é de estar sofrendo assim
É muito melhor morrer!...

Chegaram no Hospital
Foram ao Dr. Luiz,
Simeão primeiro foi
Lá na casa do Juiz,
Este disse: - Vá urgente,
Procure ligeiramente
Um bom Médico do País.

Simeão voltou às pressas
Foi ao irmão perguntando :
— Como é que está Leopoldino?
“O folego está me faltando...
Tenha calma, Simeão,
Fique certo, meu irmão,
Que estou me liquidando...”.

Bem antes de falecer
Falava com todo mundo,
Disse pra Adelmo e Zezito:
— “Digam no Riacho Fundo
Que estou me despedindo
E acho que estou partindo,
Pois meu Barco vai ao fundo ..”

Até na hora da morte
Falava com o pessoal
Como que estava vendo
Que ia passar o Natal,
Ausente dos manos seus
Para ir morar com Deus
No Reino Celestial.

O tiro tinha pegado
Mesmo no lado direito.
Partiu o fígado no meio
Quase saía no peito...
Grande operação fizeram,
Segundo o que me disseram
Nehum Doutor dava jeito.

Levaram ele pra casa
O prostaram no caixão,
Zé de Armando e Antonio China
Disseram em seu coração:
— Não agravando os menores
Perdemos um dos maiores
Amigo da região.

O pai dele em Paulo Afonso
Sem saber o que se deu
Ao ver passar um caixão,
Disse: - Meu Deus quem morreu?..
Já vi que um acabou-se,
Sem saber que o caixão fosse
Para o próprio filho seu.

Dona Ritinha já vinha
Chorando de fazer dó,
Carminha, Izaura e Jacyra
Gritavam triste ao redó(r)
— Vejo meus manos morrendo
Parece que estão querendo
Fiquemos no mundo só...

—Já o mais velho morreu
Nos mais cruéis desenganos,
Este agora nos deixou
Com os seus 21 anos,
Vejo que não temos sorte,
Só parece que a morte
Quer castigar nossos manos.

Nalva—a sua namorada
Chorava, olhando pra ele,
Lembrando que a poucos dias
Tinha dado um beijo nele
E dançado com o rapaz,
Sabia que nunca mais
Beijava na boca dele.

Zefinha—uma amiga sua
Esta ali chorava tanto
Que as lágrimas banhava o chão,
Sentadinha num recanto,
Disse:—Morreu Leopoldino,
Oh! meu Deus este menino
Possuia um olhar de Santo.

Simeão foi avisar
A todos que o conhecia,
No Amenoim lembrou-se
Que seu papai não sabia,
Sem esperar o responso
Foi busca-lo em Paulo Afonso
Só chegou ao meio dia.

Quando foi pra Paulo Afonso
Partiu apressadamente,
O tapuma da poeira
Tapava a luz do sol quente,
Quando passou no "Uarenta"
Ia com cento e cinquenta,
Nada passava na frente.

Com a demora do velho
Tava o povo angustiado,
Um dizia, outro dizia:
O carro estará quebrado?..
Cícero Rico em seu transporte
Disse:- Vou botar um corte
Trago já o resultado.

E seguiu junto ao Adelmo
Em menos de um segundo,
Ao chegar em Santa Brígida
Perguntou a todo mundo,
Disseram:- Ele passou,
No mesmo instante voltou,
Contou no Riacho Fundo.

Quando Simeão chegou
Observou muito bem
Jacyra se lamentando,
Dizendo:-Papai não vem...
Com pranto, tristeza e dor
Olhando aquele clamor
Comecei chorar também.

Zacarias muito triste
Junto a Zezito e João
Disseram:- Não posso ver
Leopoldino num caixão...
Bento-um grande amigo dele
Quando olhava para ele
Vertia lágrimas no chão.

Edelson estava em São Paulo
Inocente, não sabia,
Pensando que estivesse
Todos em paz, na Bahia,
Gozando aquela delícia,
Quando soube da notícia
Sofreu uma grande agonia.

Ainda escutei seu pai
Tristonho dizer assim:
Gostei muito do meu filho
Foi homem pra todo fim,
Acabou-se num instante,
Deste momento em diante
Meu Deus, que será de mim?

Jacyra chorou de um jeito
Que ninguém podia ver,
Passou mais de 15 dias
Que não podia comer,
Diariamente chorava
Que todo mundo pensava
Que também ia morrer.

Depois que se reuniu
Gente do conhecimento
Às quatro e meia da tarde
Foi o seu sepultamento,
Pelas suas ações boas
Tinha 600 pessoas
No seu acompanhamento.

O povo preocupado
Não ajeitou a mobília,
Quarenta pessoas em casa
Pra consolarem a família,
Rezaram para o rapaz
Para ele ter a Paz
Com Deus e a Virgem Maria.

Chorou parentes, Amigos,
Lágrimas sentimentais
Pois outro bom como ele
Ninguém iria ver mais,
Seguiu para o necrotério,
Lá dentro do Cemitério
Estão seus restos mortais.

Fizeram uma Catacumba
Isto eu digo porque vi,
Muito bem edificada
E na sepultura, em si
Combinaram pra fazerem
Que quando outros morrerem
Serem enterrados ali.

Tem uma fotografia
Para todo mundo ver,
A Catacumba é bem feita
Na Concha do Desprazer,
Por dentro parece ôca
Um dia só abre a boca
Quando um parente morrer.

Neste dia de Finados
Foram a sepultura dele,
Umas 200 pessoas
Choravam pensando nele,
Com pena não visitei
Porém pra ele rezei
Um Pai Nosso pra ele.

Jesus Cristo bote ele
No seu Trono coroado,
Arrodeado de flores
Com um Anjo em cada lado,
Que os Anjos digam Amem
De ser Herdeiro também
Do Reino mais desejado.

Já findei a minha história
S-enhores passou-se assim,
A-balou a região
N-a hora contaram a mim,
T-rabalhei para escreve-la
A-ssisti mais uma Estrela
N-a hora de acendê-la
A-pagou-se, teve fim.

2853



José Santana da Silva
(Trovador e Repentista)

Nasceu a 15 de abril, de 1953, na cidade PRINCÊSA, no Estado da Paraíba. Filho de José Santana e Honorina Vicente da Silva, hoje é residente em Santa Brígida-Bahia. Além de Agricultor é José Santana da Silva um dos melhores Repentistas do Nordeste, tendo participado de Congressos, Festivais e Torneios trovadorescos do Nordeste. O seu sogro João Soares Correia, outro famoso Cantador se orgulha do seu genro e muitas vezes os dois alegram os terreiros das Fazendas de Santa Brígida e de várias regiões da Bahia e Sergipe quando não estão em Salvador, Aracaju cantando nas Emissoras e festas de Exposições e Vaqueijadas.

Salve mais um Trovador de Cordel que desponta para o mundo trovadoresco da Poesia Popular, além de ser Cantador.

Rodolfo Coelho Cavalcante
(Pres. da "Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel")